

São Veríssimo de Nevogilde em 1758: memória paroquial, toponímia e património (2.ª parte)



O presente texto surge na sequência do Suplemento do Património do mês passado, prosseguindo-se, deste modo, com a análise da Memória Paroquial de Nevogilde. Na primeira parte foi dada a conhecer a paróquia, aclarando-se aí as suas remotas origens e as paradigmáticas questões associadas ao padroado da igreja, procedendo-se também à transcrição do respetivo conteúdo da Memória Setecentista. Abarcam-se agora os aspetos mais relevantes relacionados com a arquitetura, com o recheio retabular e imaginária da igreja de invocação a São Veríssimo, aborda-se o restante património da freguesia e arrola-se a toponímia assinalada pelo pároco memorialista enriquecendo-se a mesma com anotações etimológicas para uma melhor compreensão.

Texto e fotografia

Cristiano Cardoso - Técnico Superior de História. CML.
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

Lúis Sousa - Arqueólogo. CML.
luis.sousa@cm-lousada.pt

1. SÃO VERÍSSIMO DE NEVOGILDE - A Paróquia e a sua igreja

A igreja matriz de Nevogilde, a residência paroquial, o cemitério e o cruzeiro formam um conjunto patrimonial muito apreciável, evidenciando diferentes cronologias que se relacionam com a história sociocultural e religiosa da freguesia. A arquitetura da igreja enquadra-se, globalmente, no século XVII, ainda muito marcada pelo difundido "estilo chão". O edificado composto pela capela-mor, corpo da igreja e sacristia foi construído entre 1686 e 1695, cronologias atestadas pelas inscrições identificadas na fachada principal e no lavatório. Embora não subsistam muitos dados documentais, será de admitir que este conjunto arquitetónico foi erguido de uma só vez, recorrendo-se a materiais reaproveitados de uma igreja anterior. Somente no século XIX se voltou a intervir na estrutura, com a construção da torre sineira de remate bulbiforme. A construção da torre poderá ter motivado alguma reforma da fachada com a introdução de uma ampla janela. A norte da igreja o espaço foi-se organizando e sacralizando, primeiro com a colocação de um imponente e artístico cruzeiro, datado de 1796, e, mais tarde, com a construção do cemitério, em 1891.

Figura 1 Fachada da Igreja de São Veríssimo de Nevogilde.



3. Toponímia e Património

3.1 Toponímia

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Refas. bibliográficas/Observações
Afreita/Alfreita	José Pedro Machado coloca a existência do topónimo «Afreita» em Lousada, considerando-o relacionado com «Freita» ¹ . Mais adiante recupera o vocábulo «Alfreita», apontando a mesma origem ² . Freita por sua vez tem origem no latim « <i>fracta</i> », que nos remete para pedra quebrada ou terra arroteada ³ . Maria Luísa Azevedo corrobora a posição, aditando que o termo pode efetivamente ser aplicado a "pedras fendidas ou partidas pelos raios" ⁴ . Luís Ângelo Fernandes é igualmente da opinião de que Afreita tem significado de "terreno cultivado" ⁵ .
Aii do Monte/Aido do Monte	Aido, o mesmo que Eido. Deriva do latim - « <i>aditu</i> », com significado de quintal ou quinteiro e ainda como pátio fronteiro ou próximo da casa. Atribui-se também esta denominação a uma pequena parcela de terreno onde são plantadas culturas hortícolas ou mesmo pomares.
Barreiro	Topónimo evidente. José Pedro Machado considera tratar-se de um «lugar de onde se tira barro», «terra alagada» ⁶ . Este vocábulo deriva assim de barro, declara ser lugar onde se recolhe ou existe terra argilosa.
Barrimao/Barrimau	Deverá relacionar-se com a presença de um barreiro, caracterizado por barros de má qualidade argilosa.
Bouça	Terra inculca, imprópria para uma atividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem, por ser terra de pinhal ou vegetação rasteira, matos para a cama dos animais e lenha.
Campo	Do latim - « <i>campus</i> ». Expressa a ideia de parcela de terra arável.
Carreiro	Derivado do feminino Carreira. Do latim medieval - « <i>carraria</i> ». A fixação do termo Carreiro na toponímia exprime usualmente a ideia de caminho por onde circulam veículos puxados por animais. Mais contemporaneamente é comum chamar-se carreiro a um estreito caminho atravessado por pessoas a pé e por animais sem carga.
Carvalhal	Lugar ou parcela de terreno onde abundam carvalhos. O carvalho é uma árvore autóctone dos territórios do Vale do Sousa, achando-se frequentemente representados o carvalho roble ou alvarinho, o português ou cerquinho e o carvalho negral. O fruto dos carvalhos – lande ou bolota, era muito apreciado enquanto alimento de engorda, especialmente de porcos.
Cazelha	Diminutivo de casa. Talvez relativo a um pequeno casebre, de construção fruste.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Refas. bibliográficas/Observações
Cobilham/Covilhã/Covilhão	Origem etimológica não totalmente determinada. Topónimo provavelmente relacionado com a existência na zona de minas ou covas naturais ⁷ . Por seu lado Luís Ângelo Fernandes avança poder tratar-se de uma "espécie de urze" ⁸ .
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ⁹ . Compreende usualmente a superfície de meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Fermentaos/Fermentãos	Topónimo talvez derivado de Fermentelos, sendo apontada uma origem bastante recuada. José Pedro Machado lança a hipótese de se relacionar com local povoado, ligado à coroa, ao serviço da montaria ¹⁰ .
Jozam/Jusam/Jusão	Topónimo de cariz topográfico, com significado do que está em baixo ou abaixo de...
Lagoas	Topónimo evidente. Relaciona-se usualmente com uma superfície pautada pela abundante presença de água, um charco ou zona alagada, de solo "ensopado".
Lama	Topónimo frequente no norte de Portugal e Galiza. Do singular feminino lama, este do latim « <i>lama</i> », de provável origem pré-celta. Aqui deverá relacionar-se com área onde abundam as águas, que tornam pesadas as terras agrícolas.
Lavandeira	Parece ser indicativo de que no local em outros tempos se lavava roupa, talvez pela existência de uma represa ou levada de água corrente na qual eram colocadas pedras planas em posição obliqua para servirem de lavadouros. Existe ainda a possibilidade de associar-se à presença de uma ave insetívora popularmente conhecida por lavandeira (<i>Motacilla alba</i>). Afastamo-nos desta opinião para reforçar a de ter sido um lavadouro, pois que será no termo latino « <i>lavandaria</i> » onde plausivelmente radica aquele étimo, que na fonética portuguesa se pode comprovar ¹¹ .
Monte	Monte é um topónimo de origem evidente. Local onde se faz recolha de mato para a cama de gado em regime estabular.
Nogueira	Lugar assinalado pela população devido à presença da árvore indicada.
Orge/Orgem	Machado remete para «Orjo» ¹² . Talvez local onde se plantou cevada.
Outeiro	Do singular masculino outeiro. Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado, que se destaca da topografia envolvente. Citamos, como exemplo, a referência a « <i>Octerio</i> » em 1072 (PMH, DC, p. 312) ¹³ .
Passos	Do latim « <i>passus</i> ». Usualmente aparece associado às estações de uma Via-sacra, que por sua vez aparece relacionada à igreja paroquial, capela(s) e alminhas.
Penedo	Topónimo evidente, muito frequente em nomes simples e compostos, quer em Portugal, quer na Galiza ¹⁴ .
Perrexil	Parece tratar-se de um fitotopónimo de origem moçárabe, relacionado com a presença no local da salsa comum – cujo nome botânico é « <i>api petroselinum</i> ».
Pezo/Peso	Machado diz ser topónimo frequente, especialmente na vizinha Galiza, e que remete para local onde era dada a refeição aos animais de transporte ¹⁵ .
Preza/Presa	O mesmo que represa, local onde se retém água, normalmente destinada ao regadio.
Pumar/Pomar	Local abundante de árvores de fruto.
Remanga	Palavra compósita de Re+Manga, em que o prefixo «Re-» é aplicado com carácter enfático. Devemos reter a expressão Manga, do latim « <i>manica</i> », com sentido pastoril, rebanho, também entendido por cercado, formado por ramagens e paus ¹⁶ .
Retoeira/Ratoeira	Origem indeterminada.
Vale	Pode ter sentido topográfico, caracterizando uma zona como sendo plana, ou ser derivado do latim « <i>vallu</i> », local vedado, naturalmente protegido.
Vinha Dona	Sítio onde se observa o plantio de cepas de vides.
Vinhaes/Vinhaus	Plural de Vinhal. Área onde abunda ou abundou a presença de vinhedos.
Vinhas	Plural do feminino «Vinha». Topónimo evidente, indicativo da presença de videiras plantadas de modo organizado e em grande número.

⁷Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 56.

⁸Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 95.

⁹Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, p. 671.

¹⁰AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de - *Toponímia moçárabe no antigo condado conimbricense*. Dissertação de Doutoramento (policopiado). Coimbra: Faculdade de Letras, 2005, p. 558

¹¹Fernandes, Luís Ângelo (coord.) - *A Terra de Leovigildo*. [Nevogilde]: s.e., 2017, p. 24.

¹²Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 221.

¹³Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 466.

¹⁴Fernandes, Luís Ângelo (coord.) - *op. cit.*, p. 24.

⁹MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 460.

¹⁰Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, p. 633.

¹¹PEIXOTO, Pe. Francisco A. – "Louzada: sua origem e antiguidades", in «*Jornal de Louzada*», nº 412, de 27.06.1915, p. 1.

¹²Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. II. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 1098.

¹³MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1109.

¹⁴MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1156.

¹⁵Machado, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1167.

¹⁶FERNANDES, A. de Almeida – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1999, pp. 407 e 512.

3.2. PATRIMÓNIO

3.2.1 - Capela de Nossa Senhora da Ajuda

É muito antiga esta capela, vindo já referida no Catálogo dos Bispos do Porto. Teve origem antes de 1623, existindo uma imagem da padroeira do século XVII, o que dá uma indicação da sua antiguidade. Sofreu várias remodelações ao longo da sua existência. A capela primitiva seria mais pequena e bem mais simples. O abade de Nevogilde, em 1758, Manoel de Souza da Silva, faz menção apenas a dois altares:



um colateral de Santo Amaro e o altar-mor de N. S. da Ajuda. Estes retábulos desapareceram, uma vez que os atuais, altar-mor e dois colaterais, são de estilo neoclássico, da mesma época do último grande restauro da capela, ocorrido em 1830, que lhe deu a fisionomia atual.

Trata-se de uma capela imponente, assemelhando-se a uma igreja, contribuindo para tal a grandiosa torre sineira mandada fazer a expensas do Conde de Nevogilde em 1909. O corpo da capela apresenta uma arquitetura neoclássica de cariz regional, devendo-se a sua reedificação a Manoel Albino Pacheco, da Casa das Vinhas. Os azulejos da frontaria são de meados do século XX. Uma grande janela, moldurada e rematada por uma almofada, permite a entrada da luz natural. O frontão clássico é rematado por uma cruz e o entablamento é sobrepujado por fogaréus. Do lado esquerdo da frontaria ergue-se a torre sineira, toda revestida de azulejo, mas com pilastras, molduras e cornijas em cantaria saliente. A torre é rematada por pináculos e por um belo coruchéu. Encontramos aqui alguns elementos revivalistas, neogóticos, muito curiosos e invulgares em ambiente regional. Os movimentos revivalistas neorromânicos e neogóticos tiveram ampla difusão nas cidades, onde as elites absorviam rapidamente as novidades arquitetónicas. Só a vontade de um homem viajado como o Conde de Nevogilde permitiu a rutura com uma certa hostilidade à mudança, muito característica dos meios rurais.

O interior é preenchido com bons retábulos neoclássicos de meados do século XIX e por um magnífico coro. No lado esquerdo vemos duas tribunas que serviram certamente para as individualidades da terra assistirem à missa.

A devoção a Nossa Senhora da Ajuda propagou-se durante a primeira metade do século XIX, devido a um conjunto de acontecimentos históricos que deixaram Portugal numa situação de grande instabilidade. Podemos destacar as Invasões Francesas e consequente ida da corte para o Brasil, principiando-se um ciclo de profunda instabilidade social e política que levará o país à guerra civil.

Figura 2 Capela de Nossa Senhora da Ajuda.

3.2.2 - Capela de Santa Ana, casa de Valmesio

Dominante sobre uma vasta e fértil área do vale, a capela de Santa Ana foi mandada edificar em 1752 pelo padre Manuel Ribeiro da Silva, originalmente separada das áreas habitacionais. Apesar de sua fundação particular, estava sob jurisdição eclesiástica e ao serviço da população, com acesso por serventia pública. Cerca do ano de 1910 proceder-se-á a grandes obras, sendo construída uma nova habitação unida à capela, que também foi totalmente renovada. A capela evidencia uma arquitetura simples e de grande sobriedade, em que as cantarias assumem a função mais diferenciadora: nos cunhais, nas molduras das janelas, nos frisos e na empena.

3.2.3 - Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, casa do Cam

Nos inícios de 1750, Maurício Pinto Nogueira e sua esposa Maria Nunes de Moraes obtiveram licença episcopal para erigir uma capela da invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso, no lugar do Cam, onde residiam. Maurício Pinto Nogueira era natural de Fonte Arcada, Penafiel, tendo casado em Nevogilde, de onde era natural Maria Nunes de Moraes, a 5 de janeiro de 1736. A pequena capela sobressai pelo bom trabalho de cantaria, que observa principalmente ao nível dos cunhais e da empena, mas também pela envolvente da sua localização.

3.2.4 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, casa da Afreita

A capela de Nossa Senhora da Conceição, mandada construir em 1712, por D. Maria da Conceição e Sousa, está localizada no lugar do Carreiro, no interior da cerca da casa da Afreita. A partir da calçada, enquadrada pelo artístico portal e ao fundo da uma álea arborizada, observa-se a capela, que outrora esteve separada dos volumes habitacionais. De arquitetura simples, em que se destaca o trabalho das cantarias do portal, denota algumas transformações a que foi sujeita ao longo dos anos.



Figura 3 Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Casa do Cam.



Figura 4 Capela de Nossa Senhora da Conceição, Casa da Afreita.